



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v3n3p51-62

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CONCEPÇÕES E MODALIDADES DIDÁTICAS DE DOCENTES SOBRE SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Elaine de Jesus Souza¹
Joilson Pereira da Silva³

Claudiene Santos²

RESUMO

Os/as professores/as por meio da Educação Sexual podem fornecer informações coerentes aos/as alunos/as sobre questões referentes à sexualidade, gênero diversidade sexual. Assim, a finalidade principal dessa pesquisa fenomenológica de caráter qualitativo foi analisar e compreender as concepções e modalidades didáticas de professores/as do ensino fundamental acerca de temáticas centrais da Educação Sexual como sexualidade, gênero e diversidade sexual.

Os resultados obtidos evidenciaram que os/as docentes possuem diversas dúvidas sobre a sexualidade e precisam urgentemente buscar conhecimentos para saná-las, já que a formação docente foi bastante deficiente nesse aspecto.

PALAVRAS-CHAVE

Sexualidade. Gênero. Diversidade.

ABSTRACT

Teachers through sexual education can provide coherent information to students about issues related to sexuality, gender, sexual diversity. So the main purpose of this phenomenological research was qualitative analyze and understand the concepts and methods of teaching elementary school teachers about central themes of Sexual Education as sexuality, gender and sexual diversity. The results show that teachers have

many questions about sexuality and urgently need to seek knowledge to solve them, as the teacher training was very weak in this regard.

KEYWORDS

Sexuality. Gender. Diversity.

RESUMEN

Los maestros a través de la educación sexual pueden proporcionar información consistente con los estudiantes sobre temas relacionados con la sexualidad, el género y la diversidad sexual. Por lo tanto, el objetivo principal de este estudio fenomenológico de investigación cualitativa fue analizar y comprender los conceptos y métodos de la enseñanza de maestros de escuelas primarias sobre los temas centrales de la educación sexual, como la sexualidad, el género y la

diversidad sexual. Los resultados mostraron que los profesores tienen muchas dudas sobre la sexualidad, y necesitan con urgencia para buscar el conocimiento para resolverlos, ya que la formación del profesorado era muy deficiente en este respecto.

PALABRAS CLAVE

Sexualidad. Género. Diversidad.

1 INTRODUÇÃO

As questões referentes à sexualidade, gênero e diversidade sexual precisam ser abordadas de forma contínua e coerente na escola, pois os/as professores/as possuem um papel de extrema relevância na inserção da Educação Sexual, que deve ser incluída ainda no Ensino Fundamental.

Evidencia-se que a escola precisa incluir a temática da sexualidade no seu projeto pedagógico, visto que, assim poderá “interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade” (BRASIL, 1999, p. 297).

Em consonância, por meio desse tema transversal os/as educadores/as podem promover o esclarecimento das dúvidas que os/as alunos/as possuem sobre diversos temas dessa área, pois, em muitos casos, a falta de informações claras contribui para a ocorrência de graves problemas sociais (como a gravidez precoce, abuso sexual, aborto, DST, entre outros). Além da homofobia e do sexismo, e outras diferentes formas de preconceito e discriminação contra os indivíduos que possuem orientações afetivo-sexuais distintas do padrão imposto pela sociedade, que ocasionam diversos tipos de violência.

Então, percebe-se que o/a docente pode promover, na sala de aula, debates, diálogos sobre questões sexuais relevantes e adotar modalidades didáticas que permitam o desenvolvimento da Educação Sexual na escola de forma plena. Já que, na maioria das vezes, os pais e as mães se mantêm omissos/as sobre tais questões, ou possuem uma postura rígida, que impede um diálogo aberto com os/as jovens.

Assim, a finalidade principal dessa pesquisa foi compreender as concepções e modalidades didáticas de professores/as sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual, como forma de possibilitar o desenvolvimento efetivo da Educação Sexual nas escolas.

Em consequência, os objetivos específicos dessa pesquisa foram os seguintes:

⇒ Analisar os conhecimentos e concepções dos/as docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual;

⇒ Analisar como os professores abordam (ou não) temas referentes à sexualidade, gênero e diversidade sexual;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os temas referentes à sexualidade, gênero e diversidade sexual envolvem uma série de polêmicas e enfrentam diversas indagações, sobretudo, em relação forma como os/as professores/as precisam abordar tais temas no âmbito escolar.

Todavia, é enfatizado que as questões relativas à sexualidade permeiam o espaço escolar, independente da vontade dos/as docentes, visto que, tais assuntos fazem parte das conversas dos/as discentes, estão nas piadas e “brincadeiras”, nos namoros e amizades, nos grafitos dos banheiros, nos corredores e nas salas de aula, de forma assumida ou indireta, por meio das falas e atitudes de professores/as e alunos/as (LOURO, 1997).

a) Sexualidade

A temática da sexualidade demanda profunda reflexão sobre a forma como os desejos, sentimentos, sensações, concepções moldam os diversos relacionamentos sociais. Além disso, refletir sobre tal temática é antes de tudo refletir sobre si mesmo, para depois buscar entender o outro nas suas diversas dimensões.

Nota-se que apesar das temáticas relativas à sexualidade terem sido reprimidas, discutidas e julgadas

de diferentes modos, ao longo dos tempos, a palavra sexualidade custou a ser empregada. Em decorrência, o surgimento da palavra sexualidade, marca o momento em que o termo sexo passa a ter sentido mais amplo, sobretudo quando os/as estudiosos/as passam a diferenciar a necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização).

Essa ampliação permitiu que o sexo fosse tido somente como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer ou desprazer, para ser entendido como fenômeno mais global que envolve nossa existência, incluindo sentidos inesperados, como: gestos, palavras, afetos, humor, sonhos, erros, tristezas, atividades sociais (como trabalho, religião, arte, política), entre outros (CHAUÍ, 1984).

Por conseguinte, salienta-se que diferente de outras espécies animais, para o ser humano o sexo adquire um significado mais amplo quando incluído na sexualidade, porque deixa de ter como finalidade exclusiva o contexto biológico da reprodução e preservação da espécie e passa a envolver uma série de sentimentos, emoções e prazeres (GULO, 2011).

É recorrente explicar que a sexualidade não se limita às práticas corporais de prazer, muito menos se refere a instintos dominados pela natureza, ao contrário é uma construção. Sendo assim, a sexualidade é construída por meio de um processo contínuo, que exige reflexão e aprendizado, para chegar à percepção de quem somos, e tal processo é permeado por aspectos históricos e socioculturais específicos. É verdade que nascemos com certas capacidades biológicas, mas no decorrer da vida, todo o resto se constrói e vai se formando, vai se desenvolvendo de acordo com as vivências de cada um, o que permite a existência de manifestações tão diversas da sexualidade (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

A sexualidade perpassa diferentes aspectos (históricos, socioculturais, entre outros) da vida humana, estando em constante transformação, por

isso precisa ser estudada e compreendida de modo integral no âmbito escolar.

b) Gênero

A escola precisa se alertar para as questões de gênero, pois é justamente no ambiente escolar que são produzidos estereótipos e discriminações nas relações de gênero. Portanto, os/as educadores/as devem informar e adotar modalidades didáticas que permitam aos/as educandos/as a compreensão de que o respeito é essencial em qualquer relação, e que os direitos e deveres são iguais tanto para meninos quanto para meninas.

Faz-se essencial conhecer o conceito de gênero, utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, rejeitando-se os determinismos biológicos empregados para justificar as diferenças socioculturais entre homens e mulheres. O gênero se torna uma forma de indicar as construções sociais, constituindo uma categoria extremamente útil para distinguir os papéis de homens e mulheres a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995).

Em contraposição ao senso comum, que interpreta as diferenças de gênero como naturais, as ciências sociais indicam que tais diferenças são construídas socialmente. Sendo assim, não existe um padrão universal que determina comportamentos: sexual ou de gênero, que é dito normal ou superior. Visto que, mulheres e homens estabelecem modos peculiares de convivência social e comportamentos, de acordo com os contextos culturais, históricos e também relativos à sociedade que estão inseridos. Dessa forma, compreender de fato o conceito de gênero possibilita maior atenção para certos processos que provocam distinções de valor entre o feminino e o masculino, e assim gera desigualdades (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

É relevante focalizar os processos escolares envolvidos nessa naturalização de distinções e desigualdades sociais entre mulheres e homens. A escola acaba

compartilhando a concepção errônea de que existem características, comportamentos, sentimentos, entre outros fatores, que são inerentes e universais a mulheres e homens, tais fatores são vistos como biológicos ou naturais. Essa naturalização acaba excluindo o caráter construtivo das identidades sociais e desconsiderando a multiplicidade de indivíduos, além disso, descarta os aspectos socioculturais, históricos e políticos que estão envolvidos nos discursos da educação (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2007).

É defensável, então, que no âmbito escolar, o/a educador/a cumpra sua função social, assim como todos que lidam de modo direto ou indireto com o público (sistemas de saúde, da educação, social e jurídico), que é possibilitar a compreensão e o aceitação de forma plena da pluralidade de existências e experiências humanas. Desse modo, o gênero deve ser entendido em sua relevância social e política: como uma categoria de análise que considera toda a ação humana (BUENO, 2006).

2.1 DIVERSIDADE SEXUAL

A escola abriga essa diversidade de sujeitos com identidades sexuais e de gênero distintas, e com outras características diferentes da maioria, e que por isso são discriminados. Portanto, no contexto escolar os/as alunos/as precisam ser acolhidos/as com toda sua diversidade, sendo necessário abrir espaço para que os/as educadores/as adotem modalidades didáticas que possibilitem esse acolhimento, mantendo os/as educandos/as informados/as sobre as diversas manifestações da sexualidade e conscientes de que as diferenças não podem significar desigualdades.

A instituição escolar abriga indivíduos com múltiplas vivências das sexualidades e diferentes experiências de construções acerca das representações de masculinidades e feminilidades, assim, nesse espaço podem ser encontradas jovens do sexo feminino com traços masculinos ou jovens do sexo masculino com traços femininos, e isso não significa que sejam lésbicas ou gays.

Porém, o mais importante é compreender que independente dos estereótipos socioculturais dos sexos, o indivíduo – seja lésbica, gay, bissexual, travesti ou transexual precisa além de ser respeitado, também ser reconhecido, aceito, e principalmente usufruir plenamente dos direitos humanos e sexuais expressos na Constituição Brasileira.

Então, cabe a toda a sociedade, inclusive aos membros da instância escolar (como os/as educadores/as) possibilitar que as sexualidades de todos/as sejam vivenciadas de forma digna, sem preconceitos e discriminações por cor, raça, etnia, classe social, idade e orientação afetivo-sexual (KAMEL; PIMENTA, 2008).

É bastante difícil abordar a questão da orientação do desejo afetivo-sexual no espaço escolar, já que a sociedade considera normal, isto é, aceita apenas as relações entre pessoas de sexos opostos, esta concepção é denominada heteronormatividade, e precisa urgentemente ser desconstruída. No entanto, como esse assunto é pouco discutido no âmbito escolar acredita-se que a concepção da heteronormatividade, também, é compartilhada pela escola, e essa falta de informação, esse “desconhecimento” acaba contribuindo para discriminações e diversas violências contra homossexuais. A omissão de um assunto tão importante, que necessita ser esclarecido no espaço escolar acaba reforçando e validando práticas homofóbicas (CAVALEIRO, 2009; LOURO, 2009).

Entretanto, por meio da Educação Sexual os/as educandos/as podem perceber a sociedade com um olhar mais atento, podem entender que diversidade não deve jamais ser sinônimo de desigualdade social, pois, cada indivíduo tem os mesmos direitos, independente da condição sexual, econômica, social, étnica, cultural, política que possua.

2.2 MODALIDADES DIDÁTICAS PARA A BORDAGEM DA TEMÁTICA SEXUAL

As modalidades didáticas dos/as docentes precisam estar pautadas na importância de uma discussão

da sexualidade em todas as dimensões necessárias (psíquicas, socioculturais, políticas). A temática da sexualidade deve ser abordada nos três eixos – Corpo: matriz da sexualidade; Relações de gênero e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/Aids – como ressaltam os PCN (BRASIL, 1999). Ademais, os/as professores/as podem buscar métodos inovadores e dinâmicos para que a Educação Sexual consiga realmente produzir resultados significativos para os/as adolescentes.

A abordagem da sexualidade pode englobar diversas modalidades didáticas, além da aula expositiva dialogada, tais como dinâmicas de grupos e jogos educacionais, dramatizações, vídeos, músicas, cartazes, textos, estudos de caso, debates, desenhos e, sobretudo os/as alunos/as precisam ter um espaço para tirarem suas principais dúvidas.

Contudo, segundo Figueiró (2009a) as variadas estratégias de ensino adotadas na Educação Sexual devem estar fundamentadas em alguns princípios extremamente importantes para uma aprendizagem significativa. Um dos princípios indispensáveis para tal aprendizagem: “[...] é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos” (FIGUEIRÓ, 2009a, p. 151).

As modalidades didáticas diversas são essenciais para uma abordagem efetiva da sexualidade, visto que, os/as alunos/as ficam mais envolvidos/as e interessados/as pelo aprendizado, quando lhes são oferecidas formas variadas de ensino. Porém, tais práticas devem estar bem organizadas, com objetivos definidos e a prioridade precisa ser a participação ativa dos/as discentes.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa qualitativa empregou-se o método fenomenológico. A saber, a fenomenologia é um

método filosófico que busca descrever os fenômenos da mesma forma como são vivenciados na consciência, e estes englobam todos os modos de estar consciente de algo, assim envolvem os sentimentos, os pensamentos, as vontades, os desejos (MOREIRA, 2004). Bem como, realizou-se entrevistas com sete docentes para analisar as concepções destes/as acerca da Educação Sexual, sexualidade, gênero e diversidade sexual.

Segundo Amatuzzi (2001), a entrevista fenomenológica dialética e mobilizadora objetiva surpreender o indivíduo, e assim a experiência da pessoa é pensada repentinamente e dita como se fosse a primeira vez, com isso envolve colaboradores/as que pensam junto o assunto. Logo, para coletar as informações necessárias foram realizadas entrevistas não estruturadas com as seguintes questões norteadoras: 1) Para você o que é sexualidade? 2) O que você entende por gênero e por diversidade sexual (exemplifique)? 3) Qual a sua concepção de Educação Sexual? 4) Você aborda a temática da sexualidade na sala de aula? Caso a resposta seja sim: Como? Caso a resposta seja não: Por quê?

Para analisar as entrevistas, adotou-se o método fenomenológico de Giorgi (1985 APUD MOREIRA, 2004) que indica quatro passos para a análise fenomenológica. No primeiro passo, o/a pesquisador/a faz uma leitura ampla das descrições dos indivíduos estudados, para compreender de forma geral o fenômeno. No segundo, o/a pesquisador/a relê as descrições com a finalidade de discriminar as “unidades de sentido” (as essências), “dentro da perspectiva que lhe interessa – sociológica, psicológica etc. – sempre com foco no fenômeno estudado” (GIORGI, 1985 APUD MOREIRA, 2004, p.123).

Após distinguir as unidades de sentido, segue-se o terceiro passo, no qual o/a pesquisador/a irá utilizar uma linguagem apropriada para enfatizar os aspectos do fenômeno em estudo que mais lhe interessar (GIORGI, 1985 APUD MOREIRA, 2004). E por fim, no

quarto passo da análise, o/a pesquisador/a: “[...] sintetiza e integra os *insights* contidos nas unidades de sentido transformadas em uma descrição consistente da estrutura do fenômeno tal como contido no evento” (GIORGI, 1985 APUD MOREIRA, 2004, p.125).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a transcrição das entrevistas, realizou-se a discriminação das unidades de sentido que foram agrupadas em categorias para facilitar a compreensão dos aspectos centrais relatados pelos/as docentes.

4.1 CONCEPÇÃO BIOLÓGICA DE SEXUALIDADE

De um modo geral, os/as docentes confundem bastante o conceito de sexualidade com a ideia de sexo, e tal visão acaba vinculando a sexualidade apenas ao prazer sexual e ao conceito biológico, relacionado ao corpo e a genitália. O que é evidenciado nas falas da/o colaboradora/o Carolina e Silvio:

A sexualidade é do próprio corpo, não é? De você conhecer, respeitar o seu corpo, de você respeitar as suas regras, né? Impostas já intrinsecamente, né? Geneticamente. (Carolina).

Toda forma, toda prática, não é? Na realidade que estimula o prazer, eu considero como sexualidade, né? (Silvio).

Nas palavras de Chauí (1984) esclarece-se que o surgimento do termo sexualidade permitiu expandir a noção de sexo, pois, aquela engloba muito mais que a dimensão biológica relativa ao físico, ao prazer e ao desejo. A sexualidade envolve a existência do ser humano como um todo, ou seja, de forma global, e nesse sentido inclui, também, atividades sociais como a religião, o trabalho, a política, e outras dimensões que fazem parte do indivíduo.

É preciso compreender que o sexo, apesar de ter grande relevância, não é o único integrante da vida sexual de um indivíduo. Reafirma-se então que o conceito de sexo, de um modo geral, é limitado ao biológico,

no entanto, o conceito de sexualidade vai além, visto que, consideram-se também aspectos socioculturais, históricos, afetivos, políticos, que compõem a vivência do ser humano (FURLANI, 2005).

Nas palavras da colaboradora Ana já é perceptível uma concepção mais abrangente da sexualidade:

Pra mim sexualidade é o reflexo de todo o conjunto de sentimentos, emoções, né? Dos conceitos que a pessoa acumulou durante toda a existência, desde criança até a fase adulta. [...] Envolve mais do que simplesmente um desejo físico. (Ana).

Numa visão ampla, a sexualidade constitui “elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual” (FIGUEIRÓ, 2009b, p. 189).

4.2 VISÃO REDUCIONISTA DE GÊNERO

A maioria dos/as docentes mostrou uma concepção estritamente biológica de gênero, confundindo-o com sexo, quando remetem o conceito de gênero aos órgãos sexuais, o que pode ser vislumbrado nas falas dos/as seguintes colaboradores/as:

Gênero masculino e gênero feminino, e assim, em relação à genitália, em relação aos órgãos mesmo sexuais. (Carolina).

Gênero seria... é (pausa pensativa) ao ser fêmea e ao ser macho? (Ricardo).

Gênero é o que a gente chamava de sexo, né? Masculino e feminino [...] (Suzana).

Em detrimento dessa visão limitada, ressalta-se que o conceito de gênero foi criado para distinguir a dimensão biológica da social, pois ainda que na espécie humana existam machos e fêmeas, a forma de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura, em consequência, a ideia de gênero revela que homens e mulheres são produtos da realidade social e não da

anatomia de seus corpos. Com isso fica evidenciado que gênero refere-se à construção social do sexo anatômico (BARRETO, ARAÚJO, PEREIRA, 2009).

Com base na visão de Louro (1997) exalta-se que retratar o social como caráter fundamental do gênero não significa negar a biologia, ou seja, que o gênero é constituído com ou sobre corpos sexuados, mas enfatizar que a construção social e histórica é produzida em cima das características biológicas.

4.3 DESCONHECIMENTO ACERCA DA DIVERSIDADE SEXUAL

Sobre diversidade sexual destacamos que a insegurança da maioria dos/as professores/as ao responder as questões da entrevista foi ainda maior (isso pode ser percebido pelas pausas pensativas e receio ao falar sobre o tema), bem como, houve, também, muitas distorções de conceitos e uso de termos inadequados, como “opção sexual”, “escolha”, “homossexualismo”. Assim, alguns/mas docentes sentem dificuldades e inseguranças para lidar com a diversidade sexual dos/as alunos/as manifestada no ambiente escolar.

Para exemplificar o uso recorrente de termos inadequados em relação à diversidade sexual recorreremos às palavras de alguns/mas colaboradores/as:

Diversidade sexual acho que vem dessa questão do homossexualismo, do travesti, da transexualidade, né? Que também está envolvido nessa questão da cultura mesmo. (Carolina).

A diversidade sexual seria a opção, que o sujeito se assumiria. (Ricardo).

Os/as docentes precisam entender que o termo orientação sexual possibilitou a substituição da noção de opção sexual, pois o desejo sexual não consiste em uma escolha consciente do indivíduo, visto que é resultado de um processo complexo e contraditório envolvendo fatores sociais, que o indivíduo vivencia, interpreta, reproduz e constrói significados e representações (HENRIQUES ET AL., 2007).

Outra docente entrevistada se refere a alunos com identidades sexuais e de gênero não heteronormativas e podemos notar certo estranhamento e dificuldade ao lidar com tais discentes:

[...] na nossa escola temos vários meninos e meninas que são homossexuais e lésbicas. Eu tenho um aluno que embora seja homossexual e com tendência até a ser travesti, né? Ele tem um comportamento totalmente normal. [...] Enquanto tem outro aluno em outra turma, que tem tendência pra se tornar travesti também, que fica o tempo inteiro atrapalhando a aula [...] (Ana).

Devido à dificuldade que a maioria dos/as docentes tem em compreender e lidar com a diversidade sexual na escola, ao invés de acolher os/as alunos/as com distintas identidades sexuais e de gênero, estes são ignorados/as, como se o silenciamento os/as fizesse deixar de existir. O ocultamento ou negação dos/as homossexuais pela escola funciona como uma forma de garantir a manutenção da norma heterossexual, pois a ignorância ou inocência é vista como mantenedora dos valores e dos comportamentos que seguem as convenções sociais.

Com efeito, essa negação acaba confinando os/as homossexuais às gozações e aos insultos manifestados na escola (nos recreios, jogos e nas salas de aula) e que fazem jovens gays e lésbicas se reconhecerem como desviantes, indesejados ou ridículos (LOURO, 1997).

Segundo Furlani (2009) essa questão aponta uma reflexão política para a Educação Sexual, visto que, não se trata simplesmente de tolerar esses indivíduos com orientações afetivo-sexuais distintas. Mas, principalmente, promover a inclusão social e conviver com eles sem respaldos, mais que respeitar os comportamentos destoantes dos padrões sociais heteronormativos, é necessário tratá-los/as como cidadãos/ãs que dispõem de direitos humanos iguais.

4.4 MODALIDADES DIDÁTICAS RELATIVAS À EDUCAÇÃO SEXUAL

A maioria dos/as professores/as afirmou que costuma abordar a temática da Educação Sexual na escola, assim, foram exemplificadas diferentes modalidades didáticas. Dos/as docentes/as entrevistados/as, apenas uma disse que não aborda essa temática devido à formação religiosa.

Nas palavras de Carolina notamos certo tom de ameaça ao abordar a temática DST com os/as discentes, e ainda vê-se claramente que a abordagem da Educação Sexual está sendo realizada de modo reducionista, visto que, foca apenas na dimensão biológica e higienista, deixando de lado as outras dimensões que fazem parte de uma abordagem plena:

[...] através de exemplos, trabalhos, semana passada estava dando sistema reprodutor e doenças sexualmente transmissíveis, então tentei colocar na cabecinha deles... né? Dando uma orientação sobre a questão do uso da camisinha, pra que eles diferenciem o risco que se corre de pegar uma doença venérea e não só o uso da camisinha, como é um método para evitar a gravidez. Aí na outra aula, trouxe um informativo com figuras sobre doenças sexualmente transmissíveis pra impactar mesmo. Alguns deles até reagiram assim meio repugnados: "ah professora que nojo isso", nojo não porque isso é realidade, né? Aconteceu com uma pessoa, pode acontecer com você, se você não usar esses métodos preventivos, se você não agir da maneira correta. (Carolina).

Nesse raciocínio, acrescentamos que a abordagem da sexualidade na escola, de modo geral, tem sido exercida apenas nas dimensões biológica e higienista. Na primeira, são enfatizados os conhecimentos de biologia, anatomia humana, reprodução animal, reduzindo a questão da sexualidade à puberdade, amadurecimento sexual e a reprodução, sendo essa função incumbida ao/a professor/a de Ciências. E na dimensão higienista, de forma também reducionista, aborda-se o corpo apenas nos conceitos de assepsia, controle e prevenção de DST (MAISTRO, 2009).

O discurso de Suzana revela que ela aborda a temática da sexualidade quando surge alguma dúvida ou situação pertinente, por parte dos/as alunos/as:

Quando um aluno [...] faz alguma brincadeira de mal gosto devido ao homossexualismo ser muito forte aqui [...] eu paro pra falar né? Sobre o respeito pela opção sexual e quando as meninas estão querendo falar, por exemplo, sobre menstruação, que todas tem vergonha de falar, sobre camisinha, então, levo material pra escola e apresento a eles. (Suzana).

Em consonância com os PCN (BRASIL, 1999) é analisado que o trabalho de Educação Sexual demanda o tratamento de questões e situações referentes à sexualidade que emergirem no cotidiano escolar, isso exige que o/a docente tenha flexibilidade e disponibilidade para trabalhar tais questões.

As manifestações da sexualidade, nas diferentes séries do ensino fundamental, constituem uma oportunidade para que os/as educadores/as desenvolvam um trabalho sem programação prévia. Pois, além da necessidade de abordar os temas da Educação Sexual dentro da programação, por meio de conteúdos já selecionados, os/as professores/as precisam ainda realizar tal trabalho sempre que surgirem questões ou situações relacionadas à temática sexual, o que corresponde a extraprogramação.

Nesse contexto, as modalidades didáticas adotadas pelos/as professores/as de outras áreas são exemplificadas nos relatos dos professores de Português e de Matemática (descrito posteriormente).

[...] Trabalhando com tipologias textuais, é... debates, a partir de... é... com estudos de caso, né? A gente sempre que há oportunidade, a gente aborda. (Ricardo).

Com relação às modalidades didáticas utilizadas pelo professor de Português, é comentado que o “debate aberto” constitui uma estratégia relevante para Educação Sexual, que consiste em organizar os/as alunos/as em grupos para debater e trocar ideias so-

bre determinado tema com toda a turma. Essa prática possibilita aos/as discentes conhecer diferentes posicionamentos sobre a temática sexual, o que contribui para a formação de opiniões próprias e serve de preparação para tomar decisões conscientes (FIGUEIRÓ, 2009^a).

Silvio (docente de matemática) relatou que costuma relacionar os temas da Educação Sexual com dados estatísticos, solicitando que os/as alunos/as pesquisem, bem como esclarecendo conceitos relevantes, tais como identidades sexuais e de gênero, reafirmando a ideia de que professores/as de todas as disciplinas podem contribuir para o desenvolvimento desse tema na escola. Uma estratégia interessante é a utilização de recursos que sejam do interesse dos/as discentes, como, nesse caso, foi usado o computador, visto que, de acordo com Santos e Bruns (2000) o uso de variados recursos didáticos e técnicas torna o aprendizado algo prazeroso, contribuindo para o envolvimento e motivação dos/as educandos/as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se que, de modo geral, os/as professores/as ainda sentem-se bastante inseguros/as para abordar a temática da Educação Sexual na escola, isso é demonstrado nas confusões e distorções encontradas nas concepções acerca de temas centrais, como sexualidade, gênero, diversidade sexual e o próprio conceito de Educação Sexual.

É compreensível que a escassez de qualificação docente na área da Educação Sexual aliada a outras dificuldades, na maioria dos casos, reduz à motivação para planejar e selecionar modalidades didáticas que impulsionem o desenvolvimento da Educação Sexual. Entretanto, ser educador/a é não desanimar nem mesmo com todos os empecilhos que insistem em dificultar essa função tão relevante não somente para os/as alunos/as, mas para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M.M. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. **Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Omêga, 2001. p.15-22.
- BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BUENO, C. M. L. B. O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v.16, n.3, 2006. p.92-103.
- CAVALEIRO, C. M. Escola e Sexualidades: alguns apontamentos para reflexões. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. p.153-169.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola**. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009a. p.141-171.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.(Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009b. p.187-208.
- FURLANI, J. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diver-**

idade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.293-324.

FURLANI, J. Que bicho é esse? In: FURLANI, J. **O bicho vai pegar!** – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Cap.1. p.37-68. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13259>>. Acesso em: 22 out. 2010.

GIORGI, A. (ed.). **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Dusquene University Press, 1985. p.vii-x.

HENRIQUES, R. et al. (Org.). **Gênero e diversidade sexual na escola:** reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília-DF: CADERNOS SECAD, 2007.

KAMEL, L.; PIMENTA, C. **Diversidade sexual nas escolas:** o que os profissionais de educação precisam saber. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179p.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p.85-94.

MAISTRO, V. I. A. Desafios para a elaboração de projetos de Educação Sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual:** em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009. p.35-62.

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007. p.219-239.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço:** novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. 1995. p.71-99.

Recebido em: 31 de Outubro de 2014
Avaliado em: 26 de Fevereiro de 2015
Aceito em: 31 de Março de 2015

1. Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe/ UFS; Professora da Educação Básica. Email: elaine.js.sd@hotmail.com
2. Professora adjunta do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe/UFS; Email: claudienesan@gmail.com
3. Professor do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe/UFS. Email: joilsonp@hotmail.com

